

MOVIMENTAÇÃO

Warney Paulo Nery Araújo veio de Jataí para assumir a 15ª Vara, de Juizado Especial Federal.



Roberto Carlos de Oliveira, da subseção de Itumbiara para a 14ª Vara, de JEF, via Turma Recursal.

Fernando Cléber de Araújo Gomes titularizou-se em Tabatinga/AM e voltou para Goiânia, à frente da 16ª Vara.



Hugo Sinvaldo da Silva Gomes Filho é o juiz substituto da 13ª Vara, cujo titular, Francisco Renato Codevilla Pinheiro Filho, está em auxílio no TRF-1ª Região.



Cesar Antonio Ramos, que era da 14ª, é o novo titular da 12ª Vara, de Execução Fiscal.

Marcos Silva Rosa veio de Rondônia e é o 3º relator da 2ª Turma Recursal de Juizados Especiais Federais.



Mutirão de Conciliação atinge 52% de acordos



A Subseção Judiciária de Anápolis realizou, entre os dias 24 e 25 de fevereiro, um mutirão de conciliação em ações previdenciárias que resultou na implantação imediata de benefícios previdenciários e no pagamento de R\$1.7401.268,80 em RPVs aos jurisdicionados.

No total, foram realizadas 414 audiências e feitos 217 acordos.

A iniciativa do mutirão partiu da juíza federal titular Iolete Maria Fialho de Oliveira que contou com o trabalho dos juízes federais Gabriel Brum, substituto da Subseção e Hugo Otávio Tavares de Oliveira, substituto da 6ª vara, que ministrou um curso de formação para conciliadores.

Participaram ainda servidores, estagiários, prestadores de serviço, advogados, representantes do MPF e do INSS.

Estatística final do Mutirão da JFGO

Na primeira etapa do Mutirão de Conciliação da JFGO realizado nos dias 17,18 e 21 de fevereiro foram acordados R\$ 482.988,95, perfazendo um total de 45,16% de acordos homologados.

Nessa etapa foram analisadas 60 reclamações pré-processuais da CAIXA relativas a créditos bancários de natureza diversa como CDC, Consignação, Construcard etc.

Coordenado pelo juiz federal Euler de Almeida Silva Júnior, o mutirão conta com o apoio de servidores e estagiários da JF e também da CEF.

Despedida



No dia 12 de fevereiro, os oficiais de justiça da JFGO, reunidos na sala da Central de Mandados, homenagearam o colega Nivaldo Soares de Brito, oficial de justiça do TRT/GO, que se aposentou.

Na ocasião, o vice-presidente do Sinjufego, Gilvani Ferraz Torres de Carvalho, agradeceu a presença

dos colegas e exaltou a participação de Nivaldo na luta em defesa dos interesses da categoria.

Dia da Mulher



Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, no dia 07/03, sexta-feira, servidoras, magistradas, estagiárias e terceirizadas receberam flores em seus locais de trabalho.

À tarde, no auditório da Justiça Federal de Goiás, foi apresentado o espetáculo *Intimidade* com as atrizes Renata Caetano e Adriana Brito.

A peça, dividida em 04 cenas, revela a intimidade do ser mulher e os diversos papéis que ela desempenha no cotidiano.

A platéia, na sua maioria, composta por mulheres, deu boas gargalhadas ao se deparar com uma realidade que também é sua..

Patrocínio: Caixa Econômica Federal, Sinjufego e Serjus.



Adriana Brito, em cena.

Exposição



JUSTIÇA FEDERAL
Seção Judiciária de Goiás

HABEAS BOCA

INFORMATIVO DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE GOIÁS - Nº 06/2014



Teve início no dia 10/03, dando continuidade às comemorações relativas ao Dia Internacional da Mulher, a exposição de telas a óleo da artista plástica Maria do Carmo, no mezanino, da JFGO.

Maria do Carmo, que já participou de várias exposições em Goiás e também fora do país, aproveita materiais da natureza como cascas de árvores, pedaços de linho, para dar vida a seus quadros.

A exposição segue até o dia 23/03.



Sodoma e Gomorra à Brasileira

Sem querer cair no determinismo regional, tampouco nos deixar levar por um eventual Darwinismo Social, há que considerarmos as nuances curiosas e peculiares que marcam a história das principais metrópoles brasileiras. Rio de Janeiro e São Paulo sempre competiram entre si e estiveram nos principais contextos sócio econômico e cultural.

Nos áureos períodos da música popular brasileira, de um lado, Noel Rosa, de outro, Adoniran Barbosa, um pouco adiante com os ases da Bossa Nova, cada um a seu modo, mostrou, de forma plausível, o enaltecimento de sua megalópole. Garota de Ipanema, por exemplo, tornou-se um verdadeiro chamamento à capital carioca. Seja com a glamurosa “Cidade Maravilhosa” ou a “Suíça Brasileira, Terra da Garoa”, coisas assim, sempre competiram por títulos atrativos. Da mesma forma, no panorama político, figuras inesquecíveis, como Ademar de Barros de um lado, de outro com Leonel Brizola e muitos outros que passaram por lá. No âmbito geográfico, vale ressaltar a suntuosidade da Região dos Lagos, Lagoa Rodrigo de Freitas, bem como os Balneários de Guarujá, Praia Grande, vistos como verdadeiros paraísos pela maioria que lá reside e alguns turistas.

Não restam dúvidas de que ambas destacaram-se de forma pujante, tanto no cenário político, cultural, quanto no econômico. Incontestáveis, porém, são os constantes destaques por fatos bizarros e índice de criminalidade que assombrariam qualquer bárbaro do período neolítico.

Também nessa questão há uma grande competitividade, só que por índices menores, mascaram estatísticas para serem menos perigosos aos olhos inocentes. Ou seja, uma autoridade estatal, ligada à segurança, acusa o Estado vizinho de ser o mais violento.

É justo lembrarmos, de pronto, que a criminalidade aumentou e existe em qualquer parte onde estiver o homem. Justo, ainda, percebermos que cresceram os indicadores da perversidade humana e que a violência urbana é inerente ao homem. Mas é de conhecimento geral que nunca se assassinou tanto no Brasil quanto se tem registrado atualmente no eixo Rio S. Paulo. Não podemos esquecer, porém, o requinte de crueldade aplicado em cada cena. As marcas deixadas por Lúcio Flávio, Cabo Bruno, Luiz Carlos do Reis Encina (o Escadinha), Chico Picadinho, Bandido da Luz Vermelha e Massacre do Carandirú, tornaram-se banais ante aos métodos aplicados em dias atuais.

Coincidentemente, justamente nas cidades onde erigiram os maiores monumentos em nome do sagrado. Ou seja, o Cristo redentor, “de braços abertos sem proteger ninguém” e a Catedral da Sé



JUSTIÇA FEDERAL
Seção Judiciária de Goiás

HABEAS BOCA

INFORMATIVO DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE GOIÁS - Nº 06/2014

que, seus arredores tornaram-se abrigo para estelionatários, consumidores de drogas e idealizadores de “rolezinhos”.

Devemos admitir que, para quem se acostumou em recantos longínquos e sossegados, deixando à parte o lado romântico que circunda a demanda, ambos “paraísos” estão fadados a naufragarem em suas próprias mazelas. Não seria um naufrágio provocado por desmoronamentos de encostas, como os registrados do Rio nas últimas cheias, ou em uma lagoa repleta de peixes podres e móveis descartados, como se vê em Rodrigo de Freitas. Tomara não ocorra nas avenidas alagadas da Grande S. Paulo, muito menos nas águas fétidas do Tietê, pois, em ambas as hipóteses, faltaria água para encobrir tanto estrume.

Necessário se faz uma atitude extrema e urgente, talvez caiba um apelo aos fenômenos messiânicos e que se proceda ao mesmo tributo recebido por Sodoma e Gomorra.

Ao fim, quem olhar para trás, que fique como a mulher de Ló.

Elias Luiz da Silva – servidor da JFGO, lotado na SEVIT.

CONVERSA PRA BOI DORMIR



Um amigo me pergunta como me vou com a escrita.

- Tenho escrito nada. Ando com um certo desânimo. Uma situação ou outra me indigna ou motiva. Mas, se tento escrever pegando por aí, não tem deslanchado. Começo até bem, mas

logo a coisa se desconecta. O texto fica parecendo quebra cabeça sem algumas das peças. Não consigo nem reler por mais de uma vez.

- Você gosta de crônica, não é?

- Não sei bem se gosto. É o que tenho realizado. É um gênero leve, curto, de gente preguiçosa (tanto quem escreve quanto quem lê). Tenho predileção pelo conto e admiração pelo romance. Tive alguns cometimentos com o primeiro. Saiu coisa medíocre. Quanto ao segundo, tenho me contentado em ler

quem o faz bem. Tenho projetos, mas isso também é coisa de gente preguiçosa. Quando leio romance, ou até mesmo um conto desses mais longos, fico desanimado com os meus projetos de intentá-los. Penso nas tramas, no elevado número de personagens (estes para a categoria romance), e concluo: “minha memória vai me trair, vou fazer confusão com nomes, situações, fazer anoitecer antes que amanheça (percebe a confusão?!), e a coisa vai ficar inconclusa ou mal-acabada.

- É questão de exercício de memória e a coisa se encaminha.

- De fato. Mas esse é o problema, o tal exercício de memória. Reler os escritos desde o começo a cada retomada. Quase sempre não gosto de reler o que escrevo, acho que não presta. Porém, uma coisa sempre me aproveita: mesmo não gostando, nunca acho que foi perda de tempo. Acho sempre gratificante escrever e ler. Se presta ou não, isso é uma outra questão. Outro dia, vi uma entrevista com um senhor que obtivera a graça (ou pena!) de ultrapassar a casa dos dois dígitos de primaveras. Perguntaram-lhe qual era o segredo. Ao que ele respondeu: “transfira todos os seus problemas para os seus advogados.” A conclusão imediata a que cheguei foi a de que aquele ancião era bom das pernas, digo, da grana. Salvo algumas exceções, um escritor não será, ao fim da vida, bom de grana, nem das pernas. Mas tirei lição. O escritor deve transferir o julgamento de suas realizações, ou tentativa de, aos seus leitores. O problema é conseguir-los.

- Você antecipa causas e conseqüências. Não acha que a vida é um passo a passo?

- Sim. Mas e os tropeços, o calçado adequado, as condições de tempo e espaço?

- Uai, por que não transfere todos esses problemas a seus personagens?

José Alberto Nunes da Mota é servidor da 10ª vara.